

CRENÇAS E ATITUDES NAS ESCOLAS DO CAMPO: O QUE DIZEM OS PROFESSORES SOBRE OS FENÔMENOS VARIACIONISTAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO?

Lenilson de Almeida FEITOSA¹

Recebido: 21/10/2022

Aprovado: 11/1/2023

RESUMO

Estudos sobre Crenças e atitudes linguísticas revelam comportamentos, sentimentos e percepções dos falantes frente a sua língua ou de outrem. Nesse sentido verificar as atitudes dos professores de língua portuguesa das escolas do campo torna-se crucial. Os motivos justificam-se perante os fenômenos linguísticos recorrentes nas falas dos discentes, tais como: rotacismo, alteamento vocálico, ditongação, concordância etc. Assim sendo, delineou-se como objetivo central: Avaliar as atitudes linguísticas dos docentes de LP, diante dos fenômenos variacionistas do PB, proferido pelos alunos do 6º ano em uma Escola Pública Municipal, localizada no território rural do município de Breves/PA. O posicionamento negativo ou positivo dos professores é pedra angular para depreender a respeito de suas práticas pedagógicas com a variação linguística. O aporte teórico recorreu aos estudos das Crenças e atitudes de Lambert e Lambert (1972), Fernandez (1998); da Sociolinguística educacional: Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2008), das literaturas da Educação do Campo: Abreu (2013), Caldart (2012) dentre outros. Os procedimentos metodológicos seguiram etapas para a coleta e a composição do corpus: (i) Pesquisa bibliográfica (ii) pesquisa de campo (iii) foi aplicado um questionário com perguntas semiestruturadas para três professores de LP da referida escola (iv) a abordagem da pesquisa é de caráter quanti-qualitativa da pesquisa descritiva. Os resultados constataram que as atitudes dos professores são negativas para o uso de variantes estigmatizadas do PB, e positiva para o uso da variedade de prestígio. A prática docente valoriza o ensino prescritivo da gramática normativa, com pouquíssima ênfase à pedagogia da variação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Atitudes linguísticas. Prática de ensino. Variação.

BELIEFS AND ATTITUDES IN FIELD SCHOOLS: WHAT DO TEACHERS SAY ABOUT BRAZILIAN PORTUGUESE VARIATIONIST PHENOMENA?

ABSTRACT

Studies on Linguistic Beliefs and Attitudes reveal behaviors, feelings and perceptions of speakers towards their language or that of others. In this sense, verifying the attitudes of Portuguese-speaking teachers from rural schools becomes crucial. The reasons are justified by the recurrent linguistic phenomena in the students' speeches, such as: rhotacism, vowel heightening, diphthongization, agreement, etc. Therefore, the main objective was outlined: To evaluate the linguistic attitudes of LP teachers, in the face of variationist phenomena of BP, given by 6th year students in a Municipal Public School, located in the rural territory of the Municipality of Breves/PA. The negative or positive positioning of teachers is a cornerstone to infer about their pedagogical practices with linguistic variation. The theoretical contribution resorted to the studies of Beliefs and attitudes of Lambert and Lambert (1972), Fernandez (1998); from educational sociolinguistics: Bortoni-Ricardo (2014), Bagno (2008), from rural education literature: Abreu (2013), Caldart (2012) among others. The methodological procedures followed steps for the collection and composition of the corpus: (i) Bibliographic research (ii) field research (iii) a questionnaire with semi-structured questions was applied to three PL teachers from the aforementioned school (iv) the research approach it is of a quantitative-qualitative nature of descriptive research. The results found that teachers' attitudes are negative for the use of stigmatized variants of BP, and

¹ Licenciado Pleno em Letras - Língua Portuguesa (UFPA), Especialista em Metodologia da Língua Portuguesa e Inglesa pelo Instituto Superior de Educação ATENEU - (ISEAT). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGLT da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Professor de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental na Rede Pública Municipal de Ensino. E-mail: lenilsonaf@hotmail.com

FEITOSA, Lenilson de Almeida. Crenças e atitudes nas escolas do campo: o que dizem os professores sobre os fenômenos variacionistas do português brasileiro? In: Revista **Falas Breves**, no. 12, junho de 2023, Breves-PA. ISSN 23581069

positive for the use of the prestige variety. The teaching practice values the prescriptive teaching of normative grammar, with very little emphasis on the pedagogy of linguistic variation.

KEYWORDS: Linguistic attitudes. Teaching practice. Variation.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre Crenças e atitudes linguísticas revelam comportamentos, sentimentos e percepções dos falantes frente a sua língua ou de outrem. Nesse sentido verificar as atitudes dos professores de língua portuguesa das escolas do campo torna-se crucial, tendo em vista a importância do processo educacional. O posicionamento negativo ou positivo destes é fundamental para depreender a respeito de suas práticas pedagógicas, principalmente, com a variação linguística.

O ensino de LP, que valoriza a norma-padrão, é nociva à identidade linguística, pois desconsidera os aspectos sócio, histórico e cultural dos alunos. Além disso, sustenta a ideia preconceituosa do falar “correto” x o falar “errado”, mito linguístico desmitificado por Bagno (1999). O português brasileiro não apresenta uma unidade linguística, bem como não existe uma homogeneidade, pelo contrário, o Brasil é multicultural e multilíngue (BAGNO, 2008).

Em consonância com essas assertivas, no meio rural brevese os fenômenos acústicos (fonéticos) como, desnasalização, rotacismo, alteamento vocálico, monotongação, ditongação e concordância verbal são perceptíveis e recorrentes no espaço escolar. Diante disso, elaborou-se o seguinte questionamento: De que maneira os docentes de LP se posicionam frente aos fenômenos linguísticos em de sala de aula?

Perante essa indagação, delineou-se como objetivo geral: Avaliar as atitudes linguísticas dos docentes de LP, diante dos fenômenos variacionistas do PB, proferido pelos alunos do 6º ano em uma Escola Pública Municipal, localizada no território rural do Município de Breves/PA. Especificamente: Identificar as crenças dos docentes, frente aos fenômenos e seus métodos de ensino em sala de aula.

O referencial teórico adotado contempla os pressupostos da Sociolinguística variacionista Laboviana (2008), Tarallo (1991) e Calvet (2002); Educacional Bortoni-Ricardo (2004; 2014), Bagno (2008), Faraco (2007); Crenças e atitudes linguísticas: Lambert (1972), Fernández (2008), Botassini (2013) ; Educação do Campo Abreu (2013), Caldart (2012), dentre outros autores.

Os procedimentos metodológicos seguiram algumas etapas: (i) Pesquisa bibliográfica acerca da temática (ii) pesquisa de campo com registro de fotos (iii) abordagem de caráter quanti-qualitativa e para a coleta e composição do corpus, foi aplicado um questionário com 12 perguntas semiestruturadas para três professores de LP da escola Ivo Mainard, localizada à margem direita do Rio Jaburu, no município supracitado.

FEITOSA, Lenilson de Almeida. Crenças e atitudes nas escolas do campo: o que dizem os professores sobre os fenômenos variacionistas do português brasileiro? In: Revista **Falas Breves**, no. 12, junho de 2023, Breves-PA. ISSN 23581069

As informações adquiridas foram descritas em gráficos para atestar o aspecto quantitativo e para os dados qualitativo analisou-se as respostas de maneira analítica. Este estudo está dividido em três partes: A primeira contempla o referencial teórico, o segundo corresponde aos procedimentos metodológicos e a parte final destina-se aos resultados e discussões seguido das conclusões.

1 ABORDAGENS TEÓRICAS

De acordo com Marcos Bagno em sua mais notável obra “Preconceito linguístico o que é, como se faz” (1999), o português brasileiro (PB) não apresenta uma unidade linguística, bem como não existe uma homogeneidade, pelo contrário o Brasil é multicultural e plurilíngue. Essa Crença linguística, no entanto, encontra-se estabelecida socialmente, fomentada pela escola na lógica do “falar e escrever” corretamente, no qual a gramática normativa é tida como “língua” e não parte da língua (BAGNO, 2008).

Após vinte anos do lançamento dessa obra, o autor lança uma nova edição em 2019, na qual atesta que os mitos linguísticos (crenças) ainda permanecem atuais, e agora reforçados pelas mídias sociais. Para o autor o preconceito linguístico é também social, pois a linguagem camufla e exclui socialmente: indígenas, negros, ribeirinhos, homossexuais, pessoas de baixo poder econômico etc. A relação entre língua e sociedade é nutrida, então, de crenças e atitudes linguísticas negativas, pejorativas, visto que o diferente é visto com olhares diferentes.

Estudos sobre essa temática, segundo Botassini (2015), atingem diversas dimensões, por exemplo, variação, mudança, preconceito e identidade linguística, ensino de segundas línguas e de língua materna, dentre outros. O falar marajoara é rico em contato e variedades linguísticas, logo é oportuno e imprescindível realizar um estudo dessa natureza nas escolas do campo.

1.1 O que dizem os autores sobre Crenças e Atitudes Linguísticas?

O ser humano é constituído de convicções e atitudes, ao mesmo tempo que é influenciável e influencia outras pessoas, seja por narrativas, comportamentos, ideologias etc. Nessa fronteira cognitiva é preciso depreender a respeito dos elementos ou dos fatores que constituem as crenças de um indivíduo ou de uma comunidade de fala. Para esse estudo elegeu-se alguns estudos para elucidar e refletir a respeito da temática em debate.

A palavra “crença” vem do latim *credentia*, de credere que etimologicamente significa “aquilo ou aquele em que se crê”. Em Houaiss (2009), encontra-se as seguintes definições: ato ou efeito de crer; fé religiosa; convicção íntima; opinião formada; credence; superstição; forma de assentimento

que se dá às verdades da fé. Nessa ótica acreditar em algo ou alguém de forma verídica faz parte da nossa cultura, mesmo que isso não tenha valor empírico.

Do ponto de vista da Psicologia Social, Bem (1973) estabelece que as crenças e atitudes são fundamentadas em quatro atividades psicológicas do ser humano: cognitivas, emocionais, comportamentais e sociais. Para este autor crenças e atitudes não devem ser confundidas nem mesmo concebidas como sinônimos, mesmos assim, não se pode falar de uma sem falar da outra.

Conforme esse autor, crenças são as convicções que coletivamente formam a compreensão sobre o próprio ser humano e o meio em que vive, dispostas em duas categorias: primitiva ou de ordem superior. As crenças primitivas estabelecem como parâmetros a credibilidade, “credibilidade da própria experiência sensorial ou na credibilidade em alguma autoridade externa” (1973, p. 13). Sob essa ótica, as crenças apresentam-se como resultado de uma experiência de um indivíduo, de um grupo social ou de uma comunidade de fala.

Por outro lado, as crenças de ordem superior são premissas conscientes e explícitas entre o ser humano e a experiência. Segundo Bem (1973), a língua é mais uma crença do que propriamente um sistema de convenções, caracterizada em muitos casos como elemento primitivo, baseado na autoridade externa. A credibilidade dada a uma determinada variedade linguística seja de prestígio ou não, se torna a autoridade externa influenciadora, ressoada pela comunidade de fala. O falante do PB, por exemplo, ao não questionar a variedade influenciadora, faz dela uma crença.

Ainda no rastro desse assunto, o conceito de Crenças linguísticas, é atestada primeiramente nos estudos de Labov (2008), a partir de uma pesquisa realizada com falantes da cidade de Nova York. O autor evidenciou que o uso inconsistente do som “r” parecia afetar nos julgamentos dos entrevistados em relação à classe social daqueles falantes. A partir desse estudo o autor argumenta que as crenças de um grupo social são um conjunto de verdades culturais impostas a cada indivíduo desse grupo (LABOV, 2008).

Desse modo as crenças são compartilhadas pelo grupo social em formas de atitudes uniforme, seja no uso de uma forma estigmatizada ou de prestígio social da língua em questão. Isso nos permite inferir que os falantes de uma comunidade linguística usam a língua de acordo com as suas convicções, escolhas e credibilidade (BEM, 1973). Outra característica de Crenças é encontrada no seguinte postulado:

crença é uma forma de pensamento, construções da realidade, maneira de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re) significação. Como tal,

crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2007, p. 113).

Para a autora as crenças transformam-se no tempo e no espaço ou até mesmo dentro de uma mesma situação, de forma semelhante as atitudes também se modificam nos estágios iniciais de seu desenvolvimento a partir de novas experiências, até se solidificarem em determinados grupos sociais (LAMBERT E LAMBERT, 1972). Como mencionado anteriormente, atitudes e crenças estão imbricadas e fundamentadas nos elementos cognitivo, afetivo e comportamental.

Em referência à atitude, os autores dizem: “a atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (1972, p. 100). Isso significa dizer que as atitudes afetam nossos julgamentos e percepções sobre os outros e de si mesmo, e ajudam a determinar os grupos com os quais nos identificamos.

A partir desses postulados depreende-se que as atitudes linguísticas manifestadas por um falante são marcadas por preferências de aceitação ou negação de um dialeto, língua ou variante. Em contato com outro grupo social o falante se coloca sob julgamentos e, quando negativos, estes impactam diretamente no preconceito e na identidade linguística dos falantes (BAGNO, 2008).

A respeito da identidade linguística, nos estudos de Furtado (2020), a autora atesta forte tendência de apagamento do alteamento da vogal média posterior /o/, marca de identidade dos cametaenses em posição tônica. Verificou-se o desuso da variável [buca], [bulu], [nutfi], pelos informantes investigados e o fator extralinguístico escolaridade é descrito como condicionante da manutenção de /o/ tônico em /boca/, /bolo/ e /noite/. Tal fato está associado à existência de estigma ao uso dessa variável em contextos sociais mais monitorados.

É importante destacar que a recusa de uso dessa variedade repercute de maneira negativa na continuidade de uso dessa variante, além disso, projeta mudança articulatória (fonética) para a outra forma de falar mais aceitável socialmente. Diante disso:

A atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro. (AGUILERA, 2008 p. 105).

De acordo com a autora, atitudes positivas frente às variedades de menor prestígio social possibilita que o dialeto permaneça vivo mesmo sob pressão das formas supra estimada. Corroborar com a autora Tarallo (1991, p. 14), “armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. Desse jeito a manutenção

de uso de um dialeto ou língua dependerá do posicionamento identitário do falante frente às demais variedades linguísticas em contato.

Por fim, o preconceito linguístico/social camuflado na linguagem (BAGNO, 2008) citado no início desse tópico ainda é recorrente na sociedade brasileira. Propor estudos direcionados à interface língua/sociedade é um exercício complexo, porém crucial. Nesse sentido, a temática Crenças e atitudes linguísticas torna-se relevante pela possibilidade de ampliar discussões e reflexões com relação ao campo educacional brasileiro e, aqui, enfatiza-se a marajoara.

1.2 Componentes das atitudes linguísticas

As referências adotadas nesse estudo para os componentes das atitudes linguísticas recaem sobre Lambert e Lambert (1972) e Moreno Fernández (1998). A perspectiva adotada é a mentalista, entendida como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental exposta a condições ou a atos sociolinguísticos concretos. Sob essa ótica a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo ou a ação individual (FERNÁNDEZ, 1998). Na perspectiva mentalista existem três componentes da atitude linguística: cognitivo, afetivo e comportamental.

O componente cognitivo está relacionado ao conhecimento do indivíduo a respeito do objeto, ou seja, suas crenças, seus pensamentos e suas percepções. O componente afetivo, esse por sua vez, está relacionado com as emoções e os sentimentos que os indivíduos possuem a respeito do objeto. O componente comportamental pode ser entendido como a reação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o seu comportamento diante de outras línguas.

Nesse contexto o componente comportamental é observado com mais frequência nas ações de pesquisas, pois trata das reações que os sujeitos possuem diante dos fenômenos linguísticos presentes nos áudios e nos questionários (LAMBERT e LAMBERT, 1972). Para entender esses componentes da perspectiva mentalista, observe o esquema que exemplifica cada componente de acordo com os autores mencionados.

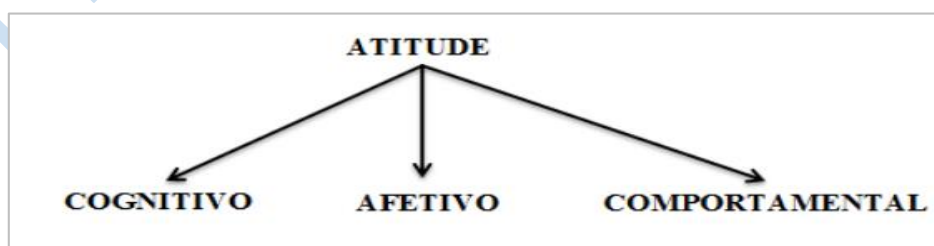


Figura 1: Esquema dos componentes da atitude linguística proposto por Lambert (1972)

Nesse modelo proposto por Lambert e Lambert (1972), a atitude linguística de um indivíduo representaria o produto da soma das suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística. Essas foram as observações para os componentes das atitudes linguísticas, não é nosso objetivo esgotar a discussão, e sim apresentar reflexões teóricas com ênfase as contribuições das Crenças e Atitudes para o campo de atuação da Sociolinguística variacionista e educacional.

1.3 Variação Linguística e ensino: Observações preliminares

Ao estudar qualquer comunidade linguística a constatação mais imediata é o aparecimento de variação da língua. É empírico a não homogeneidade das línguas, todas são retratadas de maneira heterogênea com muitas variantes (fonéticas, lexicais, sintáticas etc.). Nessa perspectiva a Sociolinguística considera a diversidade linguística não como um problema, mas como parte inerente às línguas naturais sejam elas quais forem.

Para Bortoni-Ricardo (2014), a variação linguística científica no Brasil nos permite reconhecer uma pluralidade de falares que são frutos da dinâmica populacional e da natureza do contato dos diversos grupos étnicos e sociais, nos diferentes períodos da nossa história. Para essa autora, não se pode pensar no uso de uma língua em termos de “certo” e “errado” e em dialeto “melhor” ou “pior”, “bonito” ou “feio”. Ainda para essa autora:

Segundo o relativismo cultural, nenhuma língua ou variedade de língua, em uso em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida, não obstante o nível da tecnologia ocidental que aquela comunidade tenha avançado. Já a heterogeneidade inerente e ordenada, que está na raiz da Sociolinguística, postula que toda língua natural é marcada pela variação, a qual não é assistemática. Pelo contrário, os recursos da variação, que toda língua natural oferece, estão sistematicamente organizados em sua estrutura e contribuem para tornar a comunicação entre os falantes mais produtiva e adequada. (BORTONIRICARDO, 2004, p.157).

Os estudos sobre as diversidades dialetais do português brasileiro na perspectiva da sociolinguística educacional, visam dimensionar o que isso representa para a formação dos alunos. É preciso considerar que os mesmos frequentam instituições escolares e pertencem a diferentes regiões do país, diferentes estratos sociais e culturais, aqui, enfatiza-se a região ribeirinha marajoara. Vale ressaltar que o fator social colabora para a variação linguísticas, desta forma:

mesmo que tenhamos tudo isso muito claro em nossas mentes, é preciso sempre lembrar que, do ponto de vista *sociológico*, o “erro” existe e sua maior ou menor “gravidade” depende precisamente da distribuição dos falantes dentro da pirâmide das classes sociais, que é também uma pirâmide de variedades linguísticas. [...] O

“erro” linguístico, do ponto de vista sociológico e antropológico, se baseia, portanto, numa avaliação estritamente baseada no valor *social* atribuído ao falante. (BAGNO, 2008, p.73).

A variação da língua ocorre devido a fatores linguísticos ou extralinguísticos de forma que os primeiros se dão pela própria natureza linguística e o segundo por motivos externos à língua (LABOV, 2008). Por assim dizer ao considerarmos determinadas variedades como melhores e condenar ou criticar as demais é, antes de tudo, emitir um juízo de valor sobre os falantes dessas variedades, usando as diferenças linguísticas como um pretexto para discriminação social dos indivíduos (BORTONI-RICARDO, 2014).

A diversidade linguística é um patrimônio cultural, um sistema não unitário em que se entrecruzam diversos subsistemas, resultados de situações sociais, culturais e geográficas diversas. Sendo assim é possível encontrar no Brasil uma grande diversidade linguística, devido tanto às características regionais como também por diferenças sociais.

Os estudos de Moraes (2016) apresentam fenômenos da variação fonética-fonológica e lexical do PB em contexto de sala no meio rural marajoara, logo, é possível testificar os postulados das assertivas anteriores. Para Tarallo (1991, p. 8), “variantes linguísticas, são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística’”.

Vejamos alguns dos fenômenos evidenciados nos estudos da autora, nas falas não monitoradas dos alunos, seguem algumas formas recorrentes:

Fenômenos	Exemplos
Processo de Assimilação	dormi ndo → dormi nu
Processo de Monotongação	trou x e → trux e
Processo de Rotacismo	vol t a → vor t a
Processo de Ditongação	nó s → noi s
Processo de Alteamento	bo n ita → bu n ita
Processo de vocalização	vel h a → ve i a
Processo de Desnasalização	ont e m → onti Ø
Processo de Concordância verbal	Nóis jantemo cedo → Nós jantamos cedo

Fonte: Moraes 2016

A variação lexical foi evidenciada na pesquisa de Moraes (2016) nas falas não monitoradas dos alunos, seguem algumas formas recorrentes:

Fala não monitorada dos alunos	Exemplos
“[...] tem a letra gita ”	gita → pequena
“[...] tavam pra roça...tão tudo tuíra ”	tuíra → sujo

“[...] Ela ta até mufina ”	mufina → triste, doente
“ [...] é mesmo ela ta baquiada ”	baquiada → triste, doente
“ [...] pode ser quebranto ”	quebranto → inveja

Fonte: Moraes 2016

Mais uma vez fica clara a presença da variação proferida pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa nas escolas do campo (MORAES, 2016). Para Calvet (2002, p. 156), “Em uma comunidade linguística existe a possibilidade de representação de determinados elementos linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos etc.) por diferentes modos de expressão”. Sob essa análise o falar dos povos ribeirinhos marajoaras é caracterizado como distante do dialeto padrão ou da variedade de prestígio social.

Nessa perspectiva torna-se crucial identificar as crenças e atitudes linguísticas dos professores frente a essa realidade linguística. Oportuno destacar que o falar “diferente” é língua, também, nessa ótica as práticas docentes devem seguir os parâmetros da uma pedagogia da variação, de forma a cultivar no educando uma consciência linguística e cultural. Essas ações não descartam o ensino da variedade padrão, pelo contrário ela deve ser ensinada, entretanto, sem o ar de superioridade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos para esse estudo vincularam-se aos pressupostos da Sociolinguística variacionista (Labov, 2008) e educacional (Bortoni-Ricardo, 2014) com o aporte teórico-metodológico de Lambert e Lambert (1972) sobre mensurar atitudes linguísticas. Devido à presença de seres humanos nessa pesquisa, antes de colher os dados, a proposta de trabalho foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), subordinado a uma Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), vinculada ao Ministério da Saúde.

Em linhas gerais, realizou-se as seguintes etapas: Levantamento bibliográfico sobre a temática, para Gil (2008) essa etapa é crucial, pois permite contato com as literaturas relacionadas ao assunto. Por conseguinte, a pesquisa de campo foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental: Ivo Mainard, localizada à margem direita do rio Jaburu, no Município de Breves, Marajó-Pará. Essa escola atende alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, sendo que o foco desse estudo reside nas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental.

Os sujeitos participantes são professores da rede pública municipal de ensino, especificamente, docentes de língua portuguesa atuantes no referido estabelecimento de ensino. A abordagem da pesquisa é quanti-qualitativa e a técnica usada para a coleta e composição do corpus foram dois questionários semiestruturados com perguntas relacionadas aos objetivos traçados.

A partir das respostas dos questionários analisou-se os dados coletados, os quais foram projetados em gráficos para demonstrar o aspecto quantitativo e para o aspecto qualitativo utilizou-se da forma analítica, levando em conta as respostas dos informantes.

2.1 Aplicabilidade dos questionários e coleta do corpus da pesquisa

Os sujeitos informantes da pesquisa foram estratificados pelas variáveis extralinguísticas: Sexo, idade, escolaridade e procedência. Para preservar a identidade dos docentes chamaremos de P1, P2 e P3. O primeiro questionário aplicado coletou as informações descritas a seguir:

Tabela I: Perfil dos participantes da pesquisa

Informantes	Sexo/Gênero	Idade	Escolaridade	Procedência
P1	Mulher	28 anos (há 05 anos é docente de LP)	Graduado em Letras com especialização	Mora na cidade de Breves
P2	Mulher	55 anos (há 25 anos é docente de LP)	Graduado em Letras com especialização	Mora na cidade de Breves
P3	Homem	43 anos (há 18 anos é docente de LP)	Graduado em Letras com especialização	Mora na cidade de Breves

Fonte: elaborado pelo autor

Na ida à escola, pesquisa de campo, foi aplicado aos professores de LP o primeiro questionário destinado a obter informações sobre o perfil docente. Realizou-se observações no espaço escolar, conversas informais com os professores e outros funcionários. Essa etapa permitiu contato direto com a realidade escolar ribeirinha, conhecer de maneira mais aprofundada o objeto de estudo é fundamental (GIL, 2008).

No segundo dia de pesquisa de campo, foi solicitado aos docentes algumas redações dos alunos (turmas do 6º ano) realizadas nas aulas de produção textual. Essa coleta de textos possibilitou a identificação dos fenômenos linguísticos do PB manifestados pelos discentes. Sabe-se que os fenômenos realizados na fala dos discentes refletem no texto escrito (Bortoni-Ricardo, 2014). Após a leitura das redações verificou-se diversos fenômenos fonético-fonológico do PB. Os mais recorrentes estão reportados a seguir.

Tabela II: Fenômenos fonético-fonológico do PB

Exemplos	Exemplos
Processo de Desnalização	Rotacismo
ontem → ontiØ estudaram → istudarô Ø ontem → ontiØ homem → homiØ pegam → pegu Ø	Golpe → (gorpe), lençol → (lençor), volta → (vorta), problema → (probrema) Palmito → (parmito)
Processo de Monotongaço Ouro → (ôro), Baixo → (baxô), Painero → (Panêro), primeiro → primêro contou → (contô) aumentou → armentô	Concordância Verbal (CV) Nós vamos → Nós vai bem cedinho... Nós fomos → a gente fomo trabalhar ... lavaram as louças → lavaram às louça ... Tiramos açai ontem → Tiremo açai ontem... Compramos farinha → Compremo farinha... Eu fiz o gol → eu fez o gol...
Processo de Ditongaço Nós → (Nóis) Três → (treis) Mês → (meis) ilhós → (ilhóis) através → (atraveis)	Alteamento linguístico Todo → (Tudu) Oito → (Uitu) bonita → (bunita) escrever → (iscrevê) escola → (iscola)

Fonte: elaborado pelo autor

Nesse recorte não foram levadas em considerações a variação lexical e semântica dos termos e expressões encontradas nos textos dos alunos do 6º ano. Após esse diagnóstico, no terceiro dia de pesquisa de campo, foi aplicado o segundo questionário, composto por doze perguntas aos docentes, no qual as perguntas estavam em consonância com os objetivos traçados.

Tabela III: Algumas perguntas do segundo questionário

1 De que maneira você desenvolve suas atividades frente aos fenômenos linguísticos identificados na escrita de seus alunos?
2 Você prioriza o ensino de gramática prescritiva?
3 Você identifica esses fenômenos na fala dos seus alunos em suas aulas? Como você reage?
4 Você trabalha com a perspectiva da variação linguística em suas aulas de LP?

Fonte: elaborado pelo autor

Para a análise dos dados coletados na pesquisa de campo realizada em junho de 2022, foram selecionadas somente quatro questões, do segundo questionário, descritas na tabela acima.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados a princípio constataram que as atitudes dos professores são negativas para o uso de variantes estigmatizadas do PB e positiva para o uso da variedade de prestígio norma-padrão. A prática docente valoriza o ensino prescritivo da gramática normativa, com pouquíssima ênfase a FEITOSA, Lenilson de Almeida. Crenças e atitudes nas escolas do campo: o que dizem os professores sobre os fenômenos variacionistas do português brasileiro? In: Revista **Falas Breves**, no. 12, junho de 2023, Breves-PA. ISSN 23581069

pedagogia da variação linguística. As consequências dessas ações pedagógicas implicam no preconceito, identidade e apagamento das variantes linguísticas faladas pelos discentes das escolas ribeirinhas. Segue alguns recortes das principais respostas dos professores entrevistados.

1 - Como você desenvolve suas atividades frente aos fenômenos linguísticos (acústicos) identificados na escrita de seus alunos?

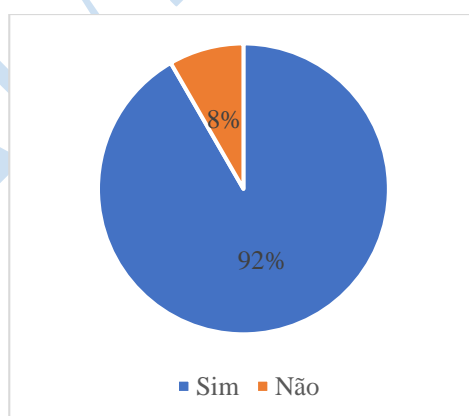
P1- “No meu ponto de vista a gramática normativa estabelece padrões na escrita e na fala, mesmo sendo cultural falar assim, ensinar o correto é primordial para os alunos futuramente...”

P2- “Existe um choque entre a língua de casa e a da escola no meu entender. Mesmo assim, prefiro corrigir a maneira de escrever e falar dos alunos, sem magoá-los ...”

P3- “Nós, professores de LP, somos muito exigidos na escola para ensinar o correto para os alunos. Então, respeito a cultura e os saberes dos alunos, mas trabalho pensando na importância de falar e escrever corretamente, de acordo com as situações possíveis...”.

A partir dessas primeiras respostas já é possível verificar que as atitudes docentes são negativas para o uso das variedades de menor prestígio social. Em nenhum momento verificou-se uma preocupação com os aspectos socioculturais e históricos dos discentes. P1 ainda ressalta o aspecto cultural, mas acaba sucumbindo para o uso da gramática prescritiva em suas ações pedagógicas. Faraco (2007) já enfatizava para o desafio da construção de uma pedagogia plenamente variacionista no século vigente. Lógico que a variedade padrão não deve ser deixada de lado, mas também não pode ser elevada como “melhor” que as demais (BAGNO, 2008).

2 - Você prioriza o ensino de gramática prescritiva?



De acordo com o gráfico, 92% das ações pedagógicas dos professores vinculam-se com o ensino da gramática normativa. Esses posicionamentos docentes reforçam suas atitudes manifestadas

na primeira pergunta. A crença de uma unidade linguística no PB ainda prevalece no século XXI, crença impregnada na mente dos professores de LP.

Importante destacar aqui as observações de Bortoni-Ricardo (2014) a respeito da pedagogia culturalmente sensível. Essa pedagogia não desconsidera o ensino da gramática normativa, mas a utiliza de forma diferente, utilizando-a nos contextos reais de comunicação, ou seja, valoriza o funcionalismo da língua em seu estado de uso. É essa premissa que devemos buscar para a prática docente, sem desprestigiar uma em função da outra.

3- Você identifica esses fenômenos na fala dos seus alunos em suas aulas? Como você reage?

P1- “Sim, e faço a correção no modo de falar e de escrever...”

P2- “Sim, procuro fazer as correções, pois é o meu papel como docente de LP...”

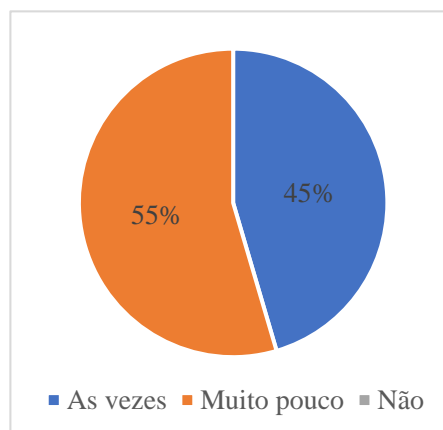
P3- “Sim, oriento meus sobre essa maneira errada de falar e escrever...”

As respostas dos professores são unânimes em dois sentidos, ao constatarem as variantes linguísticas na fala de seus alunos em sala de aula, e também por corrigirem seus alunos de forma instantânea para o uso da variedade padrão. Tal fato implica diretamente no reforço do preconceito social e o desprezo pelo dialeto local dos alunos ribeirinhos. O desuso de um dialeto por parte dos seus falantes ressoa negativamente na sua identidade linguística.

De acordo com Aguilera (2008), atitudes positivas frente às variedades de menor prestígio social possibilita que o dialeto permaneça vivo mesmo sob pressão das formas supra estimada. Entretanto, atitudes negativas para uma língua, dialeto ou variante (fonética, lexical, semântica etc.) tende ao apagamento destas (FURTADO, 2020).

É por esta razão que trabalhar nos vieses da pedagogia da variação linguística, como bem ressalta Faraco (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), tem relevância para a quebra de um modelo hegemônico e eurocêntrico suplantado em nossas mentes por séculos. Despertar a consciência linguística dos docentes e discentes é crucial para uma linguagem mais inclusiva e cidadã, do contrário as crenças linguísticas permanecem.

4- Você trabalha com a perspectiva da variação linguística em suas aulas?



A partir da leitura do gráfico verifica-se que 55% dos professores responderam às vezes, 45% muito pouco, e ninguém respondeu não, isso quer dizer que os docentes têm noção do que seja a variação linguística. No entanto, as crenças e atitudes linguísticas introduzidas nas mentes destes professores tendem para o ensino mais prescritivos de normas e regras da gramática normativa, preferindo atribuir valorização a variedade padrão ou de prestígio social. Nessa pergunta é imperativo analisar alguns elementos influenciadores para a manutenção dessas atitudes docentes em contextos rurais, por exemplo, material didático e formação continuada.

Segundo Abreu (2013), os livros didáticos das escolas urbanas são utilizados, também, nas escolas ribeirinhas, soma-se a isso a falta de formação continuada para esses docentes em temáticas sociais e linguísticas. Dessa maneira, as crenças implícitas dos livros didáticos imperam no fazer docente de LP, e o mito do “falar” e “escrever” corretamente, mais ainda. Essas informações complementares foram obtidas a partir de conversas informais com os professores, durante a pesquisa de campo, as quais contribuíram para aprofundar o entendimento da temática em debate.

É importante destacar aqui a possibilidade de mudanças de crenças e de atitudes dos professores, pois segundo Barcelos (2007), as crenças transformam-se no tempo e no espaço ou até mesmo dentro de uma mesma situação. De maneira semelhante as atitudes também se modificam nos estágios iniciais de seu desenvolvimento a partir de novas experiências (LAMBERT E LAMBERT, 1972). Posto isso, a depender das influências externas as quais os profissionais sejam expostos suas atitudes tendem a mudanças positivas ou negativas.

Dito de outra forma, formações continuadas destinadas aos docentes, materiais didáticos voltado para a sua realidade local e com perspectivas da pedagogia da variação linguística, constituem experiências as quais podem, então, mudar o fazer docente e suas atitudes. É nisso que a

sociolinguística educacional acredita (BORTONI-RICARDO, 2014). Por essa razão eis a relevância de pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas docentes, tais como essa em análise.

4 CONCLUSÃO

Ao final desse estudo concretizou-se a primeira parte dos objetivos traçados, que diz respeito a aferição das atitudes linguísticas dos docentes de LP, frente aos fenômenos linguísticos em contexto de sala de aula. A próxima etapa implementará um projeto de intervenção pedagógica com ênfase na formação continuada dos professores, com vistas à pedagogia da variação, preconceito e identidade linguística. Os saberes locais advindos dos fatores sócio-histórico-cultural serão levados em conta nesse projeto intervencionista.

A construção de um material didático, com foco na linguagem local, ocorrerá em parceria com os docentes da referida escola e constitui a última parte desse estudo (ainda em andamento). Elaborar uma proposta pedagógica para atender as necessidades desses docentes faz-se imperativo. Pesquisar cientificamente uma realidade educacional ribeirinha e não idealizar um produto pedagógico, não faz parte de nossos ideais, de nossas militâncias por uma educação inclusiva linguisticamente.

No que diz respeito às atitudes linguísticas dos professores de LP, embora negativas não significam que não podem mudar, no entanto, é crucial a implantação de projetos pedagógicos participativos com vistas a gerar novas experiências cognitivas docentes. Do contrário, os mitos e as crenças linguísticas serão mais vivos e presentes em nossa sociedade, camufladas no uso da linguagem. Esse fato é prejudicial para o apagamento de dialetos, línguas e variedades, soma-se a isso os impactos nas identidades linguísticas dos falantes e na comunidade de fala ribeirinha.

Por fim, estudos sobre crenças e atitudes linguísticas docentes nos possibilitam ampliar discussões e reflexões sobre língua e sociedade. O ensino de língua portuguesa, no século XXI, ainda está mergulhado nos muitos mitos linguísticos, desfazer essa mentalidade docente requer esforço, dedicação e pesquisas. E, aqui, buscou-se rumar nessa direção, deixando fios linguísticos para novas pesquisas nesse campo do saber.

REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira de. **Educação ribeirinha: Saberes, vivências e formação no campo**. 2ª Ed. GEPEIF-UFPA, Belém, 2013.

AGUILERA, V. de A. **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, maio-ago. 2008.

FEITOSA, Lenilson de Almeida. Crenças e atitudes nas escolas do campo: o que dizem os professores sobre os fenômenos variacionistas do português brasileiro? In: Revista **Falas Breves**, no. 12, junho de 2023, Breves-PA. ISSN 23581069

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico. O que é como se faz.** 49ª ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BARCELOS, A. M. F. **Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BEM, Daryl Jay. **Convicções, atitudes e assuntos humanos.** tradução de Carolina Marusseli Bori. [1934] São Paulo: EPU, 1973.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- BOTASSINI, J. O. M. **A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística.** SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 18/1, p. 102-131, jun. 2015.
- CALDART, Roseli Salette. **Sobre Educação do Campo. Políticas Públicas: educação.** Brasília: Inca-MDA, 2012, p. 67-86. (Por uma Educação do Campo, n. 7. Coleção).
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.
- FARACO, Carlos Alberto. **Por uma pedagogia da variação linguística.** In: CORREA, D. A. A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: UEPG, 2007.
- FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **Principios de sociolinguística y sociología del lenguaje.** Barcelona. Editorial Ariel, S.A. 1998.
- FURTADO, Raquel. **Crenças e Atitudes Linguísticas na Variação da Vogal média posterior /o/ > [u] em posição tônica falado em Cametá-PA.** periodicos.unifap.br/ Macapá, v. 10, n. 1/1, p. 37-49, 1º sem.2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MORAES, L.N. DE. **A variação linguística em sala de aula: Uma análise do posicionamento do professor diante as variações utilizadas pelos alunos.** (Trabalho de conclusão de curso) – Faculdade de Letras, Campus Universitário do Marajó (CUMB/UFPA). Breves-PA, p. 52. 2016.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática. 1991.
- FEITOSA, Lenilson de Almeida. Crenças e atitudes nas escolas do campo: o que dizem os professores sobre os fenômenos variacionistas do português brasileiro? In: Revista **Falas Breves**, no. 12, junho de 2023, Breves-PA. ISSN 23581069